

Autora bestseller de *Filhas da Tempestade*

PHILIPPA GREGORY

O NOVO
LIVRO
de PHILIPPA
GREGORY

O OURO do ALQUIMISTA

TOP
SEL
LER

Ravena, primavera de 1454

1

Os quatro cavaleiros estacaram diante dos imponentes portões fechados da cidade de Ravena, a neve a rodopiar-lhes sobre os ombros curvados, enquanto o criado Freize avançava para os portões de madeira e, com o cajado, batia com todo o vigor e bradava:

— Abram a porta!

— Não te esqueças do que hás de dizer — lembrou-lhe rapidamente Luca.

Lá dentro, ouvia-se correrem as trancas devagar.

— Embora prefira a verdade, espero bem saber dizer uma mentira ou duas quando for preciso — disse Freize com discreto orgulho, enquanto o irmão Peter abanava a cabeça por se ver assim reduzido a confiar na desonestidade pronta do criado.

Os portões representavam a única interrupção na grande muralha que circundava a cidade. As defesas tinham sido

reconstruídas recentemente; a cidade fora ocupada pelos conquistadores venezianos, que disseminavam a sua forma única de governo — uma república — em todas as cidades vizinhas, impelidos pelo ouro, movidos pelo comércio. Devagar, abriu-se a poterna e um guarda fardado com a libré garrida dos vencedores apresentou armas e esperou que os viajantes pedissem entrada.

Freize lançou-se numa tirada de mentiras com mal disfarçado deleite.

— O meu senhor — começou ele, a apontar para Luca —, um jovem e abastado nobre do Ocidente de Itália. Seu irmão: um padre. — Freize apontou para o irmão Peter, que era de facto padre, mas que servia de escrivão a Luca e não o conhecia antes de serem colegas naquela série de missões. — Sua irmã, aquela formosa jovem. — Freize fez sinal para a belíssima rapariga que era Dona Isolde de Lucretili, nada aparentada com o jovem bem-parecido mas que viajava com ele por questões de segurança. — E sua aia, a senhora morena que viaja com ela. — Freize estava mais perto da verdade com isto, pois Ishraq era amiga e aia de Isolde desde crianças, e agora estavam ambas exiladas de sua terra, em busca de maneira de voltar. — Ao passo que eu sou...

— Criado? — interrompeu o guarda.

— Factótum — corrigiu Freize, a saborear a palavra com discreto orgulho. — Sou seu factótum geral.

— Aonde vão? — perguntou o guarda, a estender a mão para receber uma carta que os descrevesse. Sem corar, Freize apresentou o documento selado por Monsenhor, o comandante da ordem papal secreta, que confirmava a mentira de que eles eram uma jovem família abastada a caminho de Veneza.

— Para Veneza — respondeu Freize. — E nossa casa, assim Deus queira — acrescentou ele piedosamente.

— Propósito da visita?

— Comércio. O meu jovem amo interessa-se por mercancia e ouro.

O guarda ergueu as sobranceiras e bradou uma ordem para os homens dentro da cidade. O enorme portão abriu-se e ele desviou-se para um lado com deferência, a fazer uma vénia pronunciada conforme o grupo entrava grandiosamente erguido nas suas montadas.

— Porque é que contamos mentiras aqui? — perguntou Ishraq a Freize muito baixinho, na retaguarda como competia aos criados. — Porque não esperamos até chegarmos a Veneza?

— Lá já será tarde — explicou ele — para o Luca se fazer passar por jovem mercador abastado em Veneza, não vá alguém inquirir da viagem. Podem ver-nos aqui na estalagem. Podemos dizer que viemos de Ravena. Caso se ralem em indagar, aqui poderão confirmar que somos uma família abastada. Esperemos que não se interessem com mais indagações, daqui até Pescara.

— Mas se derem com o nosso rasto além de Pescara, até à aldeia de Piccolo, ficarão a saber que o Luca é inquiridor, ao serviço do próprio Papa, e que tu és amigo dele, e que o irmão Peter é seu escrivão, e que eu e Isolde não somos parentes, mas sim jovens que viajam convosco por segurança a caminho dos familiares de Isolde.

Freize fez um ar zombeteiro.

— Se tivéssemos sabido antes que o mestre de Luca o queria a viajar disfarçado, poderíamos ter começado esta viagem toda já com trajes novos, a gastar dinheiro como senhores. Porém, e como ele só se dignou informar-nos em Piccolo, teremos de correr o risco. Hei de comprar-nos mantos e chapéus elegantes e ricos aqui, em Ravena, e teremos de comprar o resto da indumentária em Veneza.

O guarda indicou o caminho que eles deviam tomar, rumo à melhor estalagem da cidade, e eles encontraram-na sem

dificuldade, um edifício grande encostado à muralha do grande castelo, no monte acima da praça. Freize desceu do cavalo e deixou-o enquanto foi abrir a porta e pedir que atendessem o seu amo, depois voltou e segurou os cavalos enquanto Luca, Isolde e o irmão Peter entravam na estalagem e pediam dois quartos particulares e uma sala de jantar reservada, como competia ao seu estatuto social. Freize ajudou Ishraq a descer do cavalo e ela foi logo atrás da sua senhora, enquanto este levava as montadas, incluindo o jumento de carga, para o pátio da estrebaria.

Instalaram-se nos respetivos quartos e ouviram os sinos das igrejas darem as Vésperas em toda a cidade, o ar pesado dos clamores, os pássaros a lançarem-se no céu saídos das muitas torres. Isolde foi à janela, limpou o vapor dos painéis e viu o irmão Peter e Luca saírem da estalagem na direção da igreja, banhados por torvelinhos ocasionais de neve ligeira.

— Tu não vais à igreja? — perguntou Ishraq, admirada, pois Isolde costumava ser muito devota.

— Amanhã de manhã — respondeu Isolde. — Esta noite não me conseguiria concentrar.

Não foi preciso Ishraq perguntar à amiga porque se sentia tão dispersa, bastou acompanhar-lhe o olhar; os olhos de Isolde acariciavam o jovem que descia a rua empedrada.

*

Quando os homens voltaram da missa, jantaram todos juntos na sala reservada, com Freize a levar-lhes a comida que ia buscar à cozinha. Depois de dispor todas as travessas na mesa: uma empada, uma *pitadina* — uma espécie de panqueca com uma cobertura rica salgada —, um quadril de veado, um presunto assado, um frango de churrasco e carnes frias, Freize foi postar-se à porta, a personificação do criado reverente.

— Freize, janta connosco — mandou Luca.

— Mas eu tenho de ser o vosso factótum. — Freize adorava repetir a palavra grandiloquente. — Ou criado.

— Ninguém vê — salientou Isolde. — E é muito estranho que não te sentes. Eu gosto que comas connosco, Freize.

Não foi necessário repetir o convite. O criado puxou uma cadeira, pegou numa travessa e começou a servir-se generosamente.

— Além disso, assim comes dois jantares — observou Ishraq com um sorrisinho. — Um agora e outro na cozinha depois.

— Um homem trabalhador precisa de ganhar forças — disse Freize alegremente, a barrar manteiga no pão e a ferrar os dentes muito brancos nele. — Que tal é Ravena?

— Antiga — respondeu Luca. — Do pouco que vi até agora. Uma cidade grandiosa, igrejas maravilhosas, em alguns sítios bela como Roma. Mas antes de partirmos, amanhã, pretendo ir ao jazigo de Galla Placidia.

— Quem é? — perguntou Isolde.

— Foi uma grande senhora noutros tempos, mandou preparar um opulento jazigo que o padre na igreja me recomendou ir ver. Diz que é lindo por dentro, com mosaicos do chão ao teto.

— Eu também quero ver! — exclamou Ishraq e depois corou, angustiada, não fosse Isolde pensar que ela queria estar na companhia de Luca.

Assim que Isolde viu o constrangimento da amiga, também corou e disse logo:

— Mas tens de ir! Vai com Luca enquanto eu faço as malas para a viagem. Porque é que não vão logo pela manhã?

O irmão Peter olhou primeiro para uma rapariga ruborizada e depois para a outra, como se elas fossem seres perturbadores vindos de outro mundo.

— Mas o que é que se passa com as senhoras? — perguntou ele, à cautela.

— Para a Isolde se fazer passar por minha irmã e a Ishraq por sua criada, será melhor irmos todos ver o jazigo — disse Luca, sem reparar no embaraço das raparigas. — Decerto a Ishraq tem de acompanhar a Isolde sempre, quando passeia numa cidade estranha. A Isolde deve ter sempre dama de companhia.

— Seja como for, não podemos percorrer metade da Cristandade com as duas nesses propósitos — comentou Freize amavelmente.

— Porquê, o que é que se passa? — Luca contemplou uma e depois outra, e reparou pela primeira vez na confusão delas. — O que sucedeu?

Fez-se um silêncio constrangido.

— Tivemos um desacordo — explicou Isolde. — Antes de sairmos de Piccolo. Na verdade, eu estava equivocada.

— Brigaram? — exclamou Luca. — Mas eu nunca as vi brigar. O que foi que se passou?

Freize, que sabia muito bem que elas tinham brigado por causa de Luca, atalhou logo.

— Raparigas — disse ele para a mesa em geral. — Sempre aborrecidas por isto ou por aquilo. Nervosas. Como um jumentinho. Pensam que sabem o que lhes vai na cabeça, mesmo quando não está nada bem.

— Oh, não sejas tolo! — ralhou Ishraq, zangada. Depois virou-se para Isolde. — Gostaria que voltasse tudo a ser como era entre nós, e o resto há de resolver-se.

Isolde, de olhos postos na mesa, fez que sim com a cabeça.

— Lamento — disse em voz baixa. — Estava completamente equivocada.

— Então está muito bem — contemporizou Freize com ar de quem consegue um compromisso diplomático numa

situação difícil. — Apraz-me ter resolvido tudo. Não há que agradecer.

— Bem podem rezar por paciência — disse o irmão Peter às duas raparigas, irritado. — Sabe Deus que eu rezo. — Levantou-se da mesa e saiu solenemente da sala. Quando a porta se fechou atrás dele, os quatro jovens trocaram sorrisos pesarosos.

— Mas o que sucedeu? — insistiu Luca.

Freize abanou a cabeça, a indicar-lhe ser melhor estar calado.

— Deixa lá isso — aconselhou ele. — Como se faz com o jumentinho, quando finalmente acalma e se dá por instalado.

— Seja como for, acabou — decretou Isolde — e também nos devíamos ir deitar.

Assim que ela se levantou, Luca segurou-lhe a porta e saiu atrás dela para o corredor.

— Não está zangada comigo por algum motivo? — perguntou baixinho. Ela abanou a cabeça.

— Portei-me muito mal com a Ishraq. Ela disse-me que abraçou o Luca para o reconfortar, aquando do seu desgosto, e eu zanguei-me com ela.

— Porque é que se zangou? — perguntou ele, embora o coração lhe batesse descompassado no peito, na esperança de ter adivinhado a resposta.

Ela ergueu o rosto e olhou para ele abertamente, os olhos de tom azul-escuro a fitarem os olhos de cor de avelã dele.

— Ai de mim, senti ciúmes — disse ela com simplicidade. Ele viu-a sorrir, outra vez de modo pesaroso. — Ciúmes de tolinha — confessou Isolde.

— Teve ciúmes por Ishraq me ter abraçado? — perguntou ele em voz muito baixa.

— Sim.

— Porque eu e a Isolde nunca nos abraçámos?

— Bem, não podemos — admitiu ela. — O Luca está prometido ao sacerdócio e eu nasci aristocrata. Não posso andar por aí a beijar as pessoas. Ao contrário de Ishraq. Ela é livre de se portar como bem entender.

— Mas a Isolde quer que eu a abrace? — Ele aproximou-se e sussurrou a pergunta já no cabelo louro dela, para Isolde sentir o calor do seu hálito.

Ela não conseguia dizer nada, inclinou apenas a cabeça na direção dele.

Muito devagar, com todo o cuidado, como se tivesse medo de a assustar, Luca pôs um braço à roda daquela cintura fina e o outro nos ombros dela e puxou-a para si. Isolde pousou a cabeça no ombro dele e fechou os olhos para saborear o intenso prazer que a percorria, o corpo inteiro dela a sentir o corpo ágil dele contra si, e a força dos seus braços à volta dela.

— Ela contou-lhe que lhe dei um beijo na frente? — sussurrou-lhe Luca ao ouvido, deliciado com o toque e o aroma a água de rosas daquela jovem que ele desejara desde a primeira vez que a tinha visto.

Ela levantou a cabeça.

— Contou.

— A Isolde também teve ciúmes disso?

Havia uma centelha de malícia nos olhos dele, e ela viu-a e sorriu-lhe também.

— Infelizmente, tive.

— Devia beijá-la como a beijei a ela? Seria mais justo assim?

Em resposta, ela fechou os olhos e ergueu o rosto para ele. Luca desejava beijar-lhe a boca cálida mas, obediente à oferta, beijou-lhe a testa com suavidade e teve a satisfação de a sentir balouçar, muito ligeiramente, nos seus braços, como se também ela quisesse mais.

Mais um momento e ela abriu aqueles olhos azul-escuros.

— Devo beijá-la nos lábios? — perguntou Luca.

Era ir longe demais. Ele sentiu-a vacilar e recuar para poder ver-lhe o rosto sorridente.

— Penso que não deve — respondeu ela. Mas, em contradição, ainda tinha os braços à roda da cintura dele e não o soltou. Os braços dele seguravam-na e ela não recuou mais.

Devagar, ele inclinou-se, devagar ela fechou os olhos, e ergueu a boca para a dele. Atrás dos dois, a porta abriu-se e Freize saiu com os pratos do jantar. Estacou quando os viu, abraçados na penumbra do corredor.

— Com licença — disse ele alegremente, e passou por eles rumo à cozinha.

Luca soltou logo Isolde e ela levou as mãos ao ardor que sentia nas faces.

— Tenho de me ir deitar — disse ela, baixinho. — Perdoe-me.

— Mas já não está zangada com Ishraq nem aborrecida consigo mesma? — quis ele confirmar.

Ela avançou para a escada mas ele viu que a jovem se estava a rir.

— Repreendi a Ishraq como uma peixeira — confessou ela. — Acusei-a de comportamento leviano por deixar que o Luca a beijasse. E aqui estou eu!

— Ela perdoa-lhe — disse Luca. — E a Isolde voltará a estar contente.

Ela subiu a escada e virou-se e sorriu-lhe. Ele susteve o fôlego só de contemplar a beleza luminosa daquele rosto.

— Agora estou contente — disse ela. — Creio que nunca me senti tão contente em toda a minha vida.

De manhã, conforme Freize saía para comprar mantos e chapéus novos e bonitos para a viagem por mar até Veneza, o irmão Peter e Luca — fazendo de conta que eram irmãos mercadores — e Isolde e Ishraq — irmã deles com a sua aia — foram dar um passeio na Baixa de Ravena.

Era uma localidade pequena, apertada entre as muralhas, o grandioso castelo a dominar o emaranhado de telhados decrépitos a toda a volta da colina do castelo. Estava uma manhã soalheira e luminosa, a geada a derreter-se nos telhados de telha encarnada. Erguendo-se para o céu azul, a cada esquina, estavam as torres sineiras de igrejas grandiosas. Havia um canal baixo até ao centro da praça, onde se vendia de tudo no cais de pedra. A cidade tinha sido capital do reino antigo, e as grandes estradas de pedra que cruzavam Itália para norte e sul e este e oeste encontravam-se no coração da cidade velha.

As duas raparigas hesitaram ao lado da igreja que se erguia naquela zona, a admirarem a tijoleira rósea.

— A igreja chama-nos a atenção, mas o jazigo que pretendo ver fica logo aqui — disse Luca, e foi à frente mostrar o caminho até um edifício modesto numa lateral.

— Tão pequeno? — Isolde baixou-se para passar a entrada acanhada, Ishraq foi atrás, o irmão Peter também. A construção era em forma de cruz e eles entraram pela porta setentrional. Por momentos, pararam à entrada da capelinha e Isolde benzeu-se, levando um joelho ao chão. Luca estava boquiaberto com as cores dentro da modesta capelinha.

Cada centímetro do interior abobadado cintilava, quase como que pintado de fresco. As paredes, o chão, até a abóbada do teto brilhavam de mosaicos garridos. Isolde olhou em redor, deliciada, Ishraq não tirava os olhos do teto acima das cabeças deles, com uma cor azul profunda como o mar, incrustada com centenas de estrelas douradas. Era como um lenço

de seda a passar-lhes por cima das cabeças e a descer as arcadas dos quatro lados.

— Belíssimo! — exclamou Ishraq, a pensar na semelhança com os motivos ricos do mundo árabe. — O que é? Uma capela particular?

— Não é uma igreja, é um mausoléu — explicou o irmão Peter. — Mandado erigir por uma grande dama cristã há centenas de anos para sua sepultura.

— Olhem — disse Isolde, a virar-se para a porta por onde tinham entrado. Um mosaico amplo sobre a entrada mostrava o Bom Pastor em tons cálidos, apoiado no cajado, coroado por uma auréola dourada e rodeado pelas ovelhas. — Como é que souberam fazer isto há centenas de anos? Transmitir a ternura da imagem? Estão a ver como ele toca nas ovelhas?

— É a história de um cristão a arriscar a vida pelos Evangelhos — disse o irmão Peter piedosamente, a apontar para a parede oposta, onde se via um homem a correr nas labaredas de um fogo vivo, uma cruz ao ombro e um livro aberto na mão. — Estão a ver os Evangelhos na biblioteca?

— Deveras — afirmou Ishraq. Naquele lugar magnífico e sagrado, ela não queria arrelhar o irmão Peter quanto à sua devoção, nem mostrar o próprio ceticismo. Ela tinha sido criada na família cristã do pai de Isolde, o Senhor de Lucretili, e a sua mãe ensinara-a a ler o Corão. A instrução subsequente encorajara-a a examinar tudo, e ela seria sempre uma jovem de perguntas e não de fé. Olhou em redor do interior cintilante e chamou-lhe a atenção uma mancha de cor sobre mosaicos brancos. Tinham vitrificado as janelas abertas do mausoléu e um dos pedaços de vidro estava partido. A luz matinal refletia-se na superfície lascada e projetava raios de cor sobre os mosaicos brancos e até no lenço branco com que Ishraq cobria a cabeça.

— Olha — Ishraq deu uma cotovelada a Isolde. — Até a luz do sol tem cores aqui.

As palavras dela chegaram a Luca e ele virou-se para ver aquele luminoso leque de cores. Ficou encantado com o arco-íris que rodeava a cabeça de Ishraq.

— Dá-me o teu lenço — pediu ele subitamente.

Sem palavra, os olhos fixos no rosto dele, ela desatou o lenço e o cabelo negro caiu-lhe pesadamente sobre os ombros. Luca passou-lhe uma ponta e segurou na outra. Os dois estenderam o tecido para refletir bem a luz que se derramava pela janela. De imediato, a seda branca reluziu com as cores do arco-íris. Juntos, como se fosse uma dança, caminharam para a janela e viram as cores ficarem mais difusas e esbatidas conforme as riscas aumentavam de largura, e tornaram para trás, a ver os raios de cor estreitarem-se e ganharem nitidez.

— Parece que o vidro partido transforma a luz do sol em muitas cores — disse Luca, abismado. Virou-se para o mosaico que tinha estado a analisar. — Olha aqui — disse ele para Ishraq. — O mosaico também é um arco-íris.

Acima da cabeça dele erguia-se uma parede até à abóbada, decorada com todas as cores do arco-íris e um alto-relevo. Luca, ainda com o lenço de Ishraq nas mãos, apontou com a cabeça para o mosaico e para o arco-íris na seda branca.

— São as mesmas cores — disse. — Há mil anos, fizeram um arco-íris com estas mesmas cores, e por esta mesma ordem.

— O que estão a fazer? — perguntou Isolde, a olhar para os dois. — Para onde estão a olhar?

— Faz-nos pensar que um arco-íris tem sempre as mesmas cores — respondeu Ishraq quando Luca nada disse, a contemplar o lenço e a parede de mosaicos. — Não é? Serão sempre as cores que mostram aqui? Neste mosaico? Não olhes para o padrão, olha para as cores!

— Sim! — exclamou Luca. — Como é estranho que tenham reparado nisso há tantas centenas de anos! Como é maravilhoso que tenham feito registo das cores. — Luca parou a refletir. — Portanto, serão os arcos-íris todos iguais? Será assim há centenas de anos? Se o pedaço de vidro conseguia fazer um arco-íris aqui, o que criará então no céu um arco-íris? O que fará o céu cintilar subitamente, cheio de cores?

Ninguém respondeu, ninguém tinha resposta. Não havia ninguém como Luca para fazer tal pergunta; ele tinha sido expulso do mosteiro por fazer perguntas que raiavam a hereesia, e mesmo agora, embora ao serviço da Ordem das Trevas para inquirir de todas as perguntas deste mundo e do próximo, ele tinha de se manter nos limites exíguos da Igreja.

— Porque é que importa? — perguntou Isolde, a olhar para os semblantes deslumbrados dos amigos. — Porque é que tal coisa lhe importa?

Luca encolheu os ombros como se regressasse ao mundo real.

— Oh, apenas curiosidade — respondeu. — Tal como não sabemos a causa da grande onda em Piccolo, não sabemos o que causa o trovão, nem o que faz arcos-íris. Há tanta coisa que não sabemos. Enquanto não soubermos a resposta, as pessoas pensarão que estas estranhas manifestações da natureza são causadas por feitiçaria, demónios ou espíritos. Preferem viver aterradas e acusarem os vizinhos, e depois é a minha função descobrir a verdade. Mas não lhes posso dar uma explicação simples, pois não tenho uma explicação simples. Ora, aqui, dado que quem fez estes mosaicos sabia as cores do arco-íris, talvez soubessem também quem as causou.

— Mas porque é que lhe interessa? — insistiu Isolde. — Importa qual foi a cor do crepúsculo esta noite?

— Sim — respondeu Ishraq inesperadamente. — Importa de veras. Pois o mundo está cheio de mistérios, e só se

perguntarmos e estudarmos e partirmos à descoberta poderemos vir a compreender algo.

— Não há nada a compreender, pois já se encontra explicado — decretou o irmão Peter, a falar com toda a autoridade da Igreja. — Deus lançou um arco-íris no céu para cumprir a Sua promessa ao Homem depois do dilúvio. *O meu arco tenho posto nas nuvens; este será por sinal da aliança entre mim e a terra. E acontecerá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, aparecerá o arco nas nuvens.* — O frade olhou seríssimo para as duas jovens. — Não precisam de saber mais nada.

O irmão Peter virou-se para Luca.

— Tu és inquiridor de uma ordem sacra — recordou ele ao jovem. — É teu dever e tua missão inquirir, mas não queiras inquirir fora da tua missão. Foste mandado por Nosso Senhor e pelo Santo Padre para descobrir se está próximo o fim dos tempos. Não foste mandatado para inquirir sobre tudo. Há perguntas que são heréticas. Há coisas que não são para esmiuçar.

Fez-se silêncio conforme Luca acusava a reprimenda do homem mais velho.

— Não me posso impedir de pensar — retorquiu Luca em voz baixa. — Talvez Deus me tenha dado curiosidade.

— Ninguém pretende que deixes de pensar — disse o irmão Peter a abrir a porta baixa do mausoléu. — Mas Monsenhor terá deixado bem claro quando te empregou que deverás pensar apenas dentro dos limites da Igreja. Há coisas ignotas — como a mudança de homem em lobisomem, como a causa daquela cheia terrível — e está certo que faças inquirição sobre elas. Mas Deus contou-nos o significado do arco-íris nas Suas Escrituras, não precisamos de pensar nisso.

Luca baixou a cabeça mas lançou um olhar a Ishraq.

— Pois eu continuarei a pensar, quer a vossa Igreja precise, quer não — declarou ela. — E os eruditos árabes continuarão a pensar, e os antigos claramente também pensavam, e os eruditos árabes traduzirão os seus livros.

— Mas nós somos filhos obedientes da Igreja — decretou o irmão Peter. — Na verdade, aquilo que tu pensas, enquanto mulher e enquanto infiel, não importa a ninguém.

Ele virou-se e saiu; os outros foram atrás dele obedientemente, mas Isolde deixou-se ficar para trás.

— É tão belo — disse. — Como um fresco acabado de pintar, as cores tão ricas.

Houve uma pausa antes de Luca sair, e ela viu que ele guardava algo na algibeira das calças, por baixo da dobra do manto.

— O que é que tem aí? — sussurrou-lhe Isolde, enquanto o irmão Peter seguia à frente para a estalagem.

— O bocado de vidro partido — respondeu ele. — Quero ver se conseguimos fazer um arco-íris em qualquer lugar.

Com sobriedade, ela olhou para ele.

— Mas não é obra de Deus fazer arco-íris? Como o irmão Peter acabou de dizer?

— É obra nossa — corrigiu Ishraq. — Pois estamos neste mundo para compreender. Tal como Luca, eu também quero ver se conseguimos fazer um arco-íris. Se ele não tiver ordem de o fazer, serei eu a tentar. Pois o meu Deus, ao invés do vosso, não tem objeções a que eu faça perguntas.

*

Freize estava à espera deles na estalagem e então todos montaram a cavalo e saíram de Ravena ao longo do canal cheio de lodo, até ao porto de Classe. Havia um barco no cais de pedra para seguirem viagem, ao lado de outras embarcações mercantes e das famosas galés venezianas.

— Mas tens coragem de embarcar? — Ishraq arreliaava Freize, que não subia a bordo desde que tinha sido levado para o mar numa tempestade tremenda.

— Se o meu cavalo *Rufino* consegue, eu também consigo — retorquiu Freize. — É um cavalo de rara coragem e sapiência.

Ishraq mirou o garrano malhado, considerou-o mais assustadiço do que sapiente.

— Ai sim?

— Tens de ver além das aparências — aconselhou Freize. — Tu olhas para o cavalo e vês uma montanha desajeitada de nada, mas eu sei que ele tem coragem e bons sentimentos.

— Bons sentimentos? — Ishraq sorria. — Deveras?

— Tal como olhas para mim e vês uma espécie de homem comum, bem-parecido e terra-a-terra. Mas eu tenho profundezas ocultas e talentos surpreendentes.

— Ai tens?

— Pois tenho — confirmou Freize. — E um desses talentos é levar cavalos para dentro de barcos. Pode sentar-te no cais a admirar-me.

— Obrigada — disse Ishraq, e sentou-se numa das pedras salientes da parede do porto, enquanto ele levava os cinco cavalos e o jumentinho pela prancha que se estendia entre o barco e o cais.

Os cavalos estavam nervosos e puxavam e davam cabeçadas, mas Freize ia-os acalmando e apaziguando. Ishraq não iria alimentar-lhe a vaidade com aplausos, mas pensou haver algo comovente na maneira como o jovem de ombros largos e os cavalos trocavam olhares, afagos e barulhinhos, quase como se conversassem uns com os outros, até os animais ficarem descansados e o seguirem prancha acima em direção às cocheiras dentro do barco.

Não havia mais viajantes a embarcarem nesse dia e, quando os cavalos ficaram instalados e seguros, os quatro

passageiros pegaram em nacos de pão e canecas de cerveja para o pequeno-almoço, e foram atrás de Freize. Em seguida, o comandante mandou içar a âncora, soltar amarras e desfaldar as velas.

Demoraram o dia inteiro e a noite toda a chegar a Veneza, empurrados por um vento gélido. As raparigas dormiram algum tempo numa pequena cabina por baixo do tombadi-lho, mas às primeiras horas da manhã subiram e foram para a proa, onde os homens já estavam de pé, embrulhados contra o frio, à espera de que o céu clareasse. Ishraq reparou numa embarcação pequena que vinha na direção deles mas em rota de colisão, bem depressa na água escura, uma silhueta negra destacando-se nas ondas escuras.

— Eh lá! Barqueiro! — Chamou ela por cima do ombro, dirigindo-se ao comandante que estava ao leme na popa do barco. — Não vê a galé? Vem direita a nós!

— Baixa a vela! — berrou o homem para o filho, o qual se despachou a folgar as cordas e a deitar abaixo a vela principal.

— Aqui! Eu ajudo! — exclamou Freize, já a puxar a vela para baixo. — Porque é que ele vem tão depressa?

As duas raparigas, o irmão Peter e Luca ficaram a ver a galé aproximar-se a toda a velocidade, movida a remadores que remavam ao ritmo do tambor, cada vez mais rápido.

— Uma galé deve dar prioridade a uma embarcação com velas — disse o irmão Peter, receoso. — O que estão a fazer? Parece que nos querem abalroar!

— É um ataque! — decidiu Luca de repente. — Não pode ser acidente! Quem são eles?

O irmão Peter, de olhos semicerrados a mirar a obscuridade, respondeu:

— Não vejo a bandeira. Não mostram luz alguma. De quem será o barco?

— Freize! — gritou Luca, a virar-se para o tombadilho e a pegar num gancho, a única arma ali perto. — Vão abordar-nos!

— Icem a vela! — bradou o irmão Peter.

— À vela não lhes ganhamos — avisou Ishraq.

Uma galé com remadores bem treinados podia avançar muito mais depressa do que um barco carregado. Ishraq procurou uma arma e um sítio onde se pudessem esconder. Porém, o barco era pequeno, só tinha as cocheiras para os cavalos no convés, e uma pequena cabina em baixo.

Freize foi ter com elas, de cajado em riste. Sacou de uma faca que tinha na bota e passou-a a Ishraq para sua defesa. O rosto dele estava soturno.

— Pode ser o senhor otomano que nos vem buscar? — perguntou ele a Luca.

— Não é pirata otomano — respondeu Luca, a olhar para os remos que cortavam as ondas conforme a galé se acercava cada vez mais. — A galé é pequena.

— Então há mais alguém ansioso por falar connosco — disse Freize em tom de desgraça. — E parece que não podemos evitar esse prazer.

Devagar, depois de parar e ficar suspensa na água, a galé mudou de rota e passou para o lado deles. Dois dos remadores levantaram-se, atiraram ganchos para cima e prenderam-nos à amurada do barco. Isolde resistiu à tentação de os deitar borda fora, conforme os remadores da galé misteriosa puxavam as cordas e aproximavam as embarcações.

A ganhar coragem, Luca e Isolde olharam para a galé lá em baixo e seus remadores, que estavam livres, não acorrentados, e para o homem de pé na popa.

— Quem são vocês? E o que querem de nós? — inquiriu Luca.

O comandante na popa da galé tinha desembainhado um punhal. A luz fria refletia-se na lâmina trabalhada. Olhou para eles dois com um semblante pragmático.

— Tenho ordens do Senhor de Lucretili para levar essa mulher comigo — disse, a apontar para Isolde. — É irmã fugitiva desse grande senhor e ele mandou-me levá-la para casa.

— O teu irmão! — exclamou Ishraq entredentes.

— Não sou eu — disse logo Isolde, com o forte sotaque de uma mulher do sul. — Não sei do que é que está a falar.

O homem semicerrrou os olhos.

— Seguimos-lhe o rasto, senhora — disse ele. — Do convento onde o senhor seu irmão a confiou às freiras, até ficar com estes homens de Deus, depois até à aldeia piscatória, e agora até aqui. Foi acusada de bruxaria...

— E ilibada! — interrompeu Luca. — Eu sou inquiridor da Igreja, mandado pelo próprio Papa a saber as razões para os estranhos eventos deste mundo, e ver os sinais do fim dos tempos. Eu examinei-a e enviei relatório ao senhor da minha Ordem. Eu libeei-a de qualquer malfeitoria. Ela não é perseguida nem pela lei da Terra nem pela da Igreja.

O homem encolheu os ombros.

— Ela pode estar inocente de tudo, mas continua a ser irmã do Senhor de Lucretili — afirmou ele. — Continua na sua posse. Se ele a quiser de volta, ninguém lhe pode negar esse direito.

— Para que é que ele a quer? — perguntou Ishraq, a chegar-se à amurada do barco ao lado deles. — Não demorou a tirá-la de sua casa quando o pai dela morreu, e não tardou a fazer acusações que a levariam a ser queimada por bruxaria. Porque é que ele a quer de volta agora?

— Tu também — disse o homem, sem mais delongas. — A escrava, Ishraq. Tenho ordens para te levar também. — O homem virou-se para Luca. — Tu tens de ma entregar

porque é uma escrava fugida e o Senhor é dono dela. Tens de me entregar a senhora porque é irmã do Senhor de Lucretili e faz parte das propriedades dele, como qualquer cadeira ou cavalo.

— Eu sou uma mulher livre — cuspiu Ishraq. — E ela também.

Ele encolheu os ombros como se as palavras não tivessem significado.

— Tu és uma infiel e ela é sua irmã. Ela estava à disposição do pai e agora, por morte deste, do irmão. Ele herdou-a como as vacas nas pastagens. Ela é propriedade dele, tal como uma vitela.

Em seguida, o homem virou-se para o irmão Peter.

— Se a impedir de vir comigo, estará a roubar propriedade ao Senhor de Lucretili: a escrava e a irmã, e eu farei com que o acusem de roubo. Se a mantiver consigo, será culpado de rapto.

Freize suspirou.

— Difícil — observou ele para o silêncio. — Porque legalmente, sabes, ele tem razão. Uma mulher pertence de facto ao pai, ao irmão ou ao marido.

— Já não pertenço ao meu irmão — afirmou Isolde de súbito. Deslizou a mão no braço de Luca e agarrou-lhe no cotovelo. — Somos casados. Este homem é o meu guardião. Eu pertenço-lhe.

O homem passou do semblante determinado de Isolde para a expressão empedernida de Luca.

— Deveras? Isto é verdade, Inquiridor?

— É — afirmou Luca sucintamente.

— Mas tu não és um homem da Igreja, encarregado de saber do fim dos tempos e de reportar à tua Ordem?

— Desfiz os meus votos à Igreja e tomei esta mulher por esposa.

O irmão Peter engasgou-se mas não disse nada.

— Casados e consumados?

— Sim — disse Luca, a apertar a mão de Isolde.

Houve um momento, e depois o homem abanou a cabeça. Fez um sorriso descrente, a olhar para os dois.

— O quê? Deitaste-te com ela? Tomaste-a com luxúria, tiveste-a debaixo de ti, fizeste-a gritar de alegria? Vocês dois beijaram-se com língua e tu afagaste-lhe os seios? Seguraste-lhe na cintura com as duas mãos e ela acolheu-te de livre vontade no seu corpo?

Isolde estava coradíssima de vergonha. Ishraq parecia furiosa.

— Sim — disse Luca, imperturbável. — Fizemos isso tudo.

— Beija-a.

— Não pode... — começou Isolde, mas Luca virou-se para ela, pôs-lhe um dedo abaixo do queixo para ela erguer o rosto e depois beijou-a lenta e profundamente, como se não supor-tasse tirar os seus lábios dos dela. Apesar do embaraço, Isolde não se conteve, inclinou a cabeça para trás, rodeou-lhe os ombros com os braços, abraçaram-se, a mão dela na nuca dele, os dedos a espriarem-se no cabelo dele.

Luca levantou a cabeça.

— Pronto — disse ele, algo ofegante, quando finalmente a soltou. — Como pode ver, não hesito em beijar a minha esposa. Somos marido e mulher, ela agora pertence-me. O irmão perdeu todos os direitos sobre ela. É propriedade minha.

Freize fez que sim com a cabeça, sabiamente.

— A mulher deve estar ao lado do marido. Os direitos dele estão primeiro.

A cara do irmão Peter estava paralisada de terror perante as mentiras que jorravam da boca de Luca, mas não dizia nada.

O homem a mando de Lucretili virou-se para ele.

— Mas eu tenho de acreditar nisto? E você, Padre? Vai dizer-me que é casado com a outra? Vai beijá-la e tudo para mo provar?

— Não — disse logo o irmão Peter. — Eu cumpro os meus votos.

— Mas estes dois são mesmo marido e mulher? Aos olhos de Deus?

O irmão Peter abriu a boca. A ondulação abanou o barco e ele levou a mão à amurada para se equilibrar.

— O padre é testemunha deles diante de Deus — lembrou-lhe o homem. — Convoco-o, em Seu nome, a dizer-me a verdade.

O irmão Peter engoliu em seco.

— Pela jura do sacerdócio — continuou o homem. — A verdade aos olhos de Deus.

O irmão Peter virou-se para Isolde onde ela estava, com o braço ainda à roda da cintura de Luca.

— Lamento — disse ele, em voz muito baixa. — Lamento muito, mas não posso mentir em nome de Deus. Não posso.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Compreendo — disse também baixinho e afastou-se de Luca, o qual também a deixou ir.

— Não é preciso ele dizer nada — atalhou Ishraq. — Eu sou testemunha.

O homem encolheu os ombros.

— A tua palavra nada significa. Tu és uma infiel, escrava e mulher. As tuas palavras são como o canto dos pássaros pela manhã. Barulhentas e sem sentido. Agora — o homem deu rapidamente atenção a Luca — manda as duas mulheres descerem, senão ordeno aos meus homens que abordem o barco e as tragam pela força.

Luca olhou para baixo; havia cerca de uma dúzia de homens, armados até aos dentes. Luca olhou para Freize, estoicamente

agarrado ao cajado. Era evidente que eles podiam lutar, mas encontravam-se em flagrante desvantagem. Certamente perderiam.

O comandante virou-se para o barqueiro, o qual escutava tudo com ar sombrio na popa do barco.

— Tu levas mercadoria roubada; estas duas mulheres pertencem ao Senhor de Lucretili. Se tiver de ser, eu subo para as trazer, e pode haver danos ao teu barco ou perigo para a tua pessoa. Podes entregar-mas e assim não haverá sarilho.

— Eu trago-as de boa-fé como passageiras — bradou o barqueiro. — Se são suas, podem ir consigo. Não sou responsável por ninguém.

— Não vale a pena lutar — disse Isolde para Luca, muito baixinho. — Não vale a pena. Não resistas. Eu entrego-me.

Antes que ele pudesse protestar, ela falou para o homem na galé mais abaixo.

— Dá-me a sua palavra em como nos leva em segurança ao meu irmão?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Tenho ordens para não lhe fazer mal algum.

Ela decidiu-se.

— Vai buscar as nossas coisas — disse por cima do ombro para Ishraq, a qual desceu logo à cabina e voltou com dois alforjes, escondendo a faca de Freize na corda que tinha à cintura.

— E o que vai ser de mim? — perguntou Isolde. Fez sinal a Ishraq que a seguisse até à proa do barco. O comandante fez sinal a Luca e Freize para puxarem a galé de modo a que as jovens saltassem a amurada e entrassem na embarcação mais pequena.

— O seu irmão julga que a senhora vai pedir ajuda ao Conde da Valáquia. Pensa que a senhora vai tentar reunir um exército

contra ele e reclamar a sua terra. Por isso, vai casá-la com um conde francês que a vai levar com ele para o seu castelo.

— E eu? — perguntou Ishraq, conforme Luca, Freize e o irmão Peter pegavam cada qual num gancho e, a puxar as cordas, chegavam a galé à proa do barco.

— Tenho ordens de te vender como escrava aos otomanos em Veneza — disse o homem. — Lamento, mas tenho ordens.

Luca, cujos pais tinham sido capturados por uma galé otomana quando ele era pequeno, ficou branco e agarrou-se à amurada para não cambalear.

— Não podemos permitir isto — disse ele para Freize. — Não posso. Não podemos deixar que isto aconteça.

Porém, Freize observava Isolde, a qual estacara com a notícia de que Ishraq não ficaria consigo.

— Não, ela vem comigo — afirmou Isolde. — Nós nunca nos separamos.

O homem abanou a cabeça.

— Tenho ordens. Ela vai ser vendida aos otomanos.

— Prepara-te — sussurrou Freize para Luca. — Duvido que ela alinhe nisso.

Isolde chegara à parte da frente do barco. A seus pés estava um machado para emergências — se uma vela caísse numa tempestade, se tivessem de cortar redes de pesca. Ela nem sequer olhou para ele quando subiu para o nó apertado da âncora, para poder encarar além da amurada o homem que a viera buscar.

— Senhor, eu tenho dinheiro — rogou ela. — Posso igualar o que o meu irmão lhe paga, se o senhor voltar para ele e disser que não nos encontrou. Os seus homens também podem ganhar algum, se o senhor se for embora.

Ele abriu as mãos.

— Senhora minha, sou fiel criado de seu irmão. Prometi que a levava de volta e que vendia a rapariga como

escrava. Desça lá, senão vou buscá-las às duas e os seus amigos é que sofrem.

Ela mordeu o lábio.

— Por favor, leve-me e deixe a minha amiga. Pode dizer ao senhor meu irmão que não a conseguiu encontrar.

Sem palavras, ele abanou a cabeça.

— Venham — disse, impossibilitando mais delongas. — As duas. Imediatamente.

— Não quero violência — disse ela, desesperada. — Não quero ninguém ferido por minha causa.

— Então venham agora — disse ele com simplicidade. — Pois havemos de as levar de uma maneira ou de outra. Tenho ordens para as levar, vivas ou mortas.

Freize viu-a retesar os ombros com determinação, mas ela só disse:

— Muito bem. Vou atirar as minhas coisas primeiro.

O comandante assentiu, pôs uma mão na corda do gancho e puxou a galé para mais perto do barco, que ondulava devagar. Isolde debruçou-se na amurada com o pesado alforge na mão.

— Mais perto — disse ela. — Não quero perder os meus pertences.

Ele riu-se da natureza aquisitiva de todas as mulheres — que Isolde fosse tola ao ponto de ainda pensar em vestidos quando estava a ser raptada! — e puxou a galé ainda para mais perto. No momento em que ficou diretamente debaixo da proa do barco, Isolde deixou cair o alforge. O homem apanhou-o e cambaleou para trás com o peso; em simultâneo, ela pegou no machado e, com três ou quatro golpes frenéticos, cortou a corda que segurava a pesada âncora do barco contra esse lado.

De ferro solidamente martelado, a âncora caiu a pique, monstruosamente pesada, e assentou no fundo da galé,

abrindo um buraco enorme e rachando as laterais da embarcação de tal modo que a água jorrou logo para dentro do fundo e dos lados.

Num segundo, Ishraq saltara para Isolde e lançara a faca direitinha à cara do homem. A faca cravou-se-lhe na boca e ele gritou quando o sangue jorrou. Luca, Freize e o irmão Peter pegaram nos ganchos e atiraram-nos para as cabeças dos remadores por baixo deles, enquanto a água jorrava para dentro da galé e as ondas dominavam a embarcação.

— Subam a vela! — bradou Luca, mas o barqueiro e o seu filho já puxavam as cordas e a vela já enfunava, adejava e se enchia do vento leve, e o barco começava a afastar-se da galé que se afundava. Já havia remadores na água, a debaterem-se e a gritarem por socorro.

— Voltem! — gritou Isolde. — Não os podemos deixar morrer afogados.

— Podemos, pois — disse Ishraq ferozmente. — Eles ter-nos-iam matado.

Havia algumas tábuas na parte da frente do barco. Isolde correu para lá e começou a içá-las. Freize foi ajudá-la, levantou-as até à amurada e lançou-as à água para servirem de jangada.

— Alguém os há de recolher — disse ele para a deixar descansada. — Há sempre navios para cima e para baixo nesta costa e não tarda a fazer-se dia.

Ela tinha os olhos cheios de lágrimas, estava branca de nervos.

— Aquele homem! A faca na cara dele!

— Ele queria vender-me como escrava! — gritou-lhe Ishraq, zangada. — Ele queria levar-te para o teu irmão! O que é que tu querias que acontecesse?

— Quase o matavas!

— Quero lá saber! Quero lá saber! És tola ao ralares-te com ele.

Isolde virou-se, trémula, para o irmão Peter.

— É pecado, não é, matar um homem, sejam quais forem as circunstâncias?

— É — concedeu ele. — Mas Ishraq estava a defender-se...

— Quero lá saber! — repetiu Ishraq. — Creio que és louca só de pensares nele. Era teu inimigo. Ia levar-te de volta ao teu irmão. Ia vender-me como escrava. Ter-nos-ia matado às duas. Claro que eu me defenderia mas, se quisesse matá-lo, ter-lhe-ia espetado a faca num olho e agora ele estaria morto, em vez de ficar apenas sem dentes.

Isolde olhou para trás. Parte da tripulação tinha subido a bordo do naufrágio que era a galé. O comandante, a cara ainda vermelha de sangue, agarrava-se às tábuas que ela e Freize tinham lançado à água.

— O principal é que tu e a Ishraq se salvaram — disse-lhe Luca. — E eles terão de voltar para junto do teu irmão, ficarás a salvo por algum tempo. Ishraq foi maravilhosa, e tu também. Na lamente ser corajosa, Isolde. Salvaste-nos a todos.

Ela riu-se, trémula.

— Não sei como é que me lembrei daquilo!

Ishraq abraçou-a com força.

— Foste genial — disse ela calorosamente. — Não fazia ideia do que estavas a fazer. Foi perfeito.

— Ocorreu-me. Quando disseram que te iam levar.

— Terias ido com eles sem dar luta?

Isolde fez que sim com a cabeça.

— Mas não podia deixar que te levassem. Para a escravidão, não.

— Foi o mais acertado — decretou Luca, a olhar para o irmão Peter, que assentia.

— Causa justa — disse ele, pensativo.

— E o teu lançamento da faca! — Luca virou-se para Ishraq. — Onde é que aprendeste a lançar assim?

— Minha mãe estava decidida a que eu soubesse defender-me — Ishraq sorriu. — Ensinou-me a lançar facas, e o pai de Isolde, o Senhor de Lucretili, mandou-me para Espanha a fim de aprender artes de combate. Aprendi ao mesmo tempo que o tiro com arco, entre outras coisas.

— Devemos dar graças pela nossa fuga — disse o irmão Peter, agarrado ao crucifixo que usava sempre numa corda à cintura. — Vocês dois saíram-se muito bem. Foram rápidos e corajosos. — O irmão Peter virou-se para Isolde. — Lamento não ter conseguido mentir.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu compreendo, naturalmente.

— O irmão Luca tem de se confessar — disse o irmão Peter com brandura para o jovem. — Assim que chegarmos a Veneza. Negou o seu juramento à Igreja, contou uma fiada de inverdades e — o frade hesitou — beijou-a.

— Foi só para dar veracidade à mentira — Isolde defendeu Luca.

— Foi muitíssimo convincente — disse Freize com admiração, a piscar o olho a Ishraq. — Quase se poderia dizer que ele queria beijá-la. Eu quase pensei que ele gostou. Quase pensei que ela o beijou também. Enganou-me completamente.

— Bem, darei graças pela nossa segurança — disse o homem mais velho, e depois afastou-se um pouco deles e ajoelhou-se para orar. Freize desceu ao convés para falar ao barqueiro no leme. Ishraq virou costas.

— Não foi para dar veracidade à mentira — admitiu Luca em voz baixíssima para Isolde. — Eu senti... — Calou-se. Não tinha palavras para o que sentira quando ela estivera encostada a ele e a sua boca na dela.

Ela nada disse, apenas olhou para ele. Ele estava fascinado pela fita que lhe atava o manto debaixo da cabeça. Via-a agitar-se ligeiramente com a pulsação rápida no pescoço dela.

— Nunca mais pode acontecer — disse Luca. — Vou concluir o meu noviciado e fazer votos de sacerdote, e tu és uma senhora de grande riqueza e posição. Se conseguires erguer um exército e recuperar o teu castelo e as tuas terras, casar-te-ás com um grande senhor, talvez um príncipe.

Ela fez que sim com a cabeça, os olhos nunca o desfitaram.

— Por um momento, desejei que fosse verdade, e que nos tivéssemos casado — confessou Luca com um risinho tímido. — Casado e consumado, como o homem disse. Mas sei que é impossível.

— É impossível — disse ela. — Completamente impossível.

O regresso da Rainha do Romance Histórico



Entre a euforia do Carnaval em Veneza, algo misterioso se esconde nas sombras...

Luca Vero, membro da Ordem das Trevas, leva Isolde do convento onde estava reclusa, para juntos registarem o fim dos tempos.

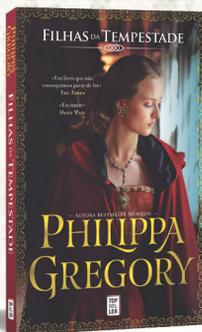
Enviados em missão para Veneza durante o Carnaval, eles vão ter de desvendar o mistério que envolve a falsificação de moeda — os *nobres de ouro ingleses*. Entre a folia e as máscaras, cresce a atração entre Luca e Isolde, que já não escondem a paixão que os une.

O romance é interrompido com a chegada de um alquimista, que se torna imediatamente o principal suspeito. Mas será a resposta assim tão simples?

À medida que Luca e Isolde se aproximam da verdade, descobrem que a realidade é muito mais sinistra do que alguma vez puderam imaginar.



Da mesma autora:



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SEL
LER**

os livros em primeiro lugar

2012-2013

ISBN 978-989-8086-92-1



9 789898 086921

Romance Histórico